

OS SENTIDOS DA SEXUALIDADE E PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA PERSPECTIVA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS NEGROS: REFLEXÕES PRELIMINARES

THE MEANINGS OF SEXUALITY AND PREVENTION OF SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS FROM THE PERSPECTIVE OF YOUNG BLACK COLLEGE STUDENTS: PRELIMINARY REFLECTIONS

Josenaide Engracia dos Santos

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil
Doutora em Ciências da Saúde. E-mail: josenaidepsi@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7712-8470>

Keyza Loyanne da Costa Silva

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil
Graduanda em Enfermagem. E-mail: keyzac3@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-1279-616X>

Ana Luiza Oliveira Leal

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil
Graduanda em Enfermagem. E-mail: luizaleal17@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0002-4559-2874>

Ileno Izidio Costa Silva

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil
Doutor em Psicologia Clínica. E-mail: ilenoc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1571-0297>

Submissão: 14-01-2024

Aceite: 09-04-2025

Resumo: A sexualidade e a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) são assuntos que precisam ser discutidos entre os jovens universitários, principalmente entre os negros. Os jovens negros são desproporcionalmente afetados por não acesso às informações sobre infecções sexualmente transmissíveis e sofrem mais preconceitos quanto ao tema da sexualidade, marcado por estigma e estereótipos sexuais. O objetivo foi compreender a



percepção de jovens negros universitários sobre sexualidade e prevenção de IST. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo por instrumento a entrevista semiestruturada e por participantes jovens negros universitários na faixa etária entre 18 a 25 anos, e análise de conteúdo de Laurence Bardin. Os participantes relataram que, em relação à sexualidade, a religião tem influência significativa, bem como a questão étnica racial, o que interfere decisivamente no acesso à prevenção de IST/HIV. O silenciamento do tema com recorte étnico racial, as normas culturais, as mensagens sobre a sexualidade e os estereótipos sexuais contribuem para o risco de IST/HIV entre jovens negros. As descobertas demonstram como a interseção de estruturas étnicas raciais molda o contexto da percepção sobre sexualidade, prevenção e IST ente jovens negros(as). Sugerimos que os esforços de prevenção de IST/VIH abordem estes fatores de forma sistêmica, a fim de reduzir as disparidades raciais quanto ao conhecimento sobre sexualidade e prevenção de IST/HIV.

Palavras-chave: Estudantes. Negros. Sexualidade. Infecções sexualmente transmissíveis.

Abstract: Sexuality and the prevention of sexually transmitted infections (STI) are issues that need to be discussed among young university students, especially among black students. Young black students are disproportionately affected by lack of access to information about sexually transmitted infections and suffer more prejudices regarding the topic of sexuality, marked by stigma and sexual stereotypes. The objective was to understand the perception of young black university students about sexuality and STI prevention. This is qualitative research, using semi-structured interviews with young black university students aged 18 to 25 years old, and content analysis by Laurence Bardin. Participants reported that, in relation to sexuality, religion has a significant influence, as well as the racial-ethnic issue, which decisively interferes in access to STI/HIV prevention. The silencing of the topic with an ethnic-racial perspective, cultural norms, messages about sexuality and sexual stereotypes contribute to the risk of STI/HIV among young black students. The findings demonstrate how intersecting racial and ethnic structures shape the context of perceptions about sexuality, prevention, and STI among Black youth. We suggest that STI/HIV prevention efforts address these factors systemically in order to reduce racial disparities in knowledge about sexuality and STI/HIV prevention.

Keywords: Students. Blacks. Sexuality. Sexually transmitted infections.

Introdução

O início da vida sexual de adolescentes e jovens tem ocorrido cada vez mais cedo, sendo que esse fator é determinado por muitas formas de desigualdade, tais como a de gênero, a desigualdade socioeconômica e a racial (MALTA *et al.*, 2011). O estudo da *World Health Organization* (2019) aponta que entre os 4.500 novos casos de infecções pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) em adultos em nível mundial registrados em 2016, 35% ocorreram entre jovens entre 15 a 24 anos e que, em todas as semanas, aproximadamente seis mil mulheres com idades entre 15 e 24 anos são infectadas pelo HIV.

No Brasil, conforme o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (MS) em relação à raça/cor de pele, de 2007 a 2019, os casos ISTs se concentram em indivíduos que se autodeclararam pardos, com 62,9% do total dos casos, seguido pela raça/cor branca, com

22,2%, 5,6% pretos, 0,7% amarelos e 0,1% indígenas. Sendo assim, sinaliza-se que a maioria dos casos notificados no país foi registrado na faixa etária de 20 a 34 anos, demonstrando a necessidade de ações preventivas e de educação em saúde (BRASIL, 2019).

Os jovens, especificamente na faixa etária compreendidas entre os 15 aos 24, correm um risco elevado de adquirir uma Infecção Sexualmente Transmissíveis (ISTs), em especial a população negra (BRASIL, 2019), que tem pouco acesso aos direitos básicos de assistência social, educação, acesso à saúde e que está mais vulnerável às epidemias. Dessa maneira, isso atesta que as variáveis de raça e classe social interagem de forma perversa no país, inclusive quanto ao conhecimento.

Estudo de Lederer e Sheena (2021) demonstra lacunas no conhecimento ISTs entre os estudantes universitários e destaca que conteúdos importantes sobre sexualidade devem ser integrados em iniciativas de educação sexual em ambientes acadêmicos, comunitários e outros, na finalidade de diminuir a transmissão e a estigmatização da doença.

A falta de conhecimento sexual leva não só a um aumento da taxa de infecção do HIV (ZHANG *et al.*, 2021) como também à gravidez acidental, ao aborto e a outras doenças de saúde reprodutiva. Estudo de ShoKoohi *et al.* (2014) examina o conhecimento sobre sexualidade e prevenção e transmissão de ISTs/HIV entre jovens, identificando que os métodos de prevenção entre os jovens do estudo eram insuficientes. Para os autores, a identidade étnico/racial, residência e de sexo apareceram como importantes determinantes do conhecimento.

Estudos de Fonte *et al.* (2018) apontaram que os jovens universitários brasileiros possuem conhecimento deficitário em relação à transmissão das ISTs e apresentam baixa percepção de risco de serem infectados, bem como possuem práticas vulneráveis, tornando-os suscetíveis às ISTs. Muitos autores reconhecem a importância do conhecimento como técnica de prevenção e educação para mudança de comportamento, principalmente relacionada às ISTs/HIV. Sobze *et al.* (2017) e Gomes *et al.* (2017) consideram que o conhecimento de sexualidade e IST/HIV é um elemento importante para a constituição de uma consciência do sujeito sobre o risco de infecção e a sua respectiva adoção de estratégias preventivas.

Especificamente quanto ao comportamento dos jovens, De Melo *et al.* (2022) sinalizam que os jovens são considerados um grupo vulnerável para adquirir ISTs, considerando a presença de Comportamentos Sexuais de Risco (CSR), como o início precoce da vida sexual, o uso descontínuo ou incorreto do preservativo, a ocorrência de múltiplos parceiros e o uso de álcool e/ou drogas, devido à necessidade de viverem intensamente os ambientes universitários. Borges *et al.* (2015) citam que os jovens buscam em festas e eventos a sensação de relaxamento necessária para enfrentar esse turbilhão de acontecimentos, promovendo novas formas de comportamento e de viver a vida, o que pode favorecer comportamento de risco.

Scull *et al.* (2018) consideram que as modificações sociais envolvidas e os fatores relacionados com o ingresso no ambiente da universidade podem aumentar a ocorrência de comportamentos sexuais de risco. Pesquisas de Gräf *et al.* (2020) apontam que a maioria dos jovens universitários é sexualmente ativa e que a primeira relação ocorreu entre 12 e 17 anos de forma precoce, o que pode imprimir aos jovens vulnerabilidade às ISTs.

Borges *et al.* (2015) apontam que o ambiente universitário é composto, em sua maioria, por jovens, os quais o comportamento adquirido nesse ambiente é característico das mudanças

sociais, culturais, psicológicas e biológicas que esses sofrem no processo de amadurecimento. Além disso, a questão sobre IST/HIV não é prioridade de comunicação para prevenção, visto que pouco tem sido explorado sobre essa temática. Desse modo, o objetivo é investigar sobre sexualidade, prevenção IST/HIV na perspectiva dos jovens negros universitários, permitindo conhecer as principais influências sobre conhecimento, de modo a implementar estratégias educativas para a sensibilização em relação à prevenção de IST/HIV.

Metodologia

Trata-se de um recorte de uma pesquisa qualitativa, que busca relacionar alguns tópicos considerados como preliminares (recorte de negritude) para balizar a discussão acerca da pesquisa maior sobre a “Percepção, conhecimento e atitudes dos jovens universitários frente a ISTs/HIV/AIDS. De acordo com Minayo (2014), esse método possibilita compreender, descrever e explicar os fenômenos sociais por meio da análise das vivências e experiências. Knechtel (2014) corrobora com as ideias de Minayo e argumenta que a pesquisa qualitativa tem como principais características ressaltar a natureza socialmente construída a partir da realidade.

Harré (1998) elucida que as pessoas constroem suas características pessoais, sentidos de mundo, capacidades e habilidades a partir dos discursos e das interações com outras pessoas. A partir dessa vertente, é possível entender o que está sendo produzido como conhecimento acerca da sexualidade e IST/HIV entre jovens negros universitários.

O estudo foi realizado em uma unidade da federação. Os participantes da pesquisa foram estudantes de graduação matriculados com idades entre 18 até 24 anos, que se autodeclararam negros. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada que combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2014), assim como permite que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos (MAY, 2004).

As entrevistas foram realizadas de maio a agosto de 2023, os participantes foram recrutados através de contatos dos pesquisadores com diversos grupos de estudantes universitários. Entrou-se em contato com os estudantes universitários, foi explicado sobre a pesquisa e os que aceitaram foram convidados para uma entrevista individual, realizada em sala individual para garantir a privacidade em um sábado. Duração da entrevista de 40 a 50 minutos.

O recurso utilizado foi o Transcrever é um dos Serviços inteligentes do Office para ajudar a economizar tempo e gerar melhores resultados. Todas as transcrições foram revisadas pelos pesquisadores e realizada leitura sistemática e repetidas das entrevistas. Consideramos que para (MINAYO, 2025) a análise das informações da pesquisa tem seu início no momento da transcrição do material, que inclui aspectos relevantes para a interpretação das informações.

A entrevista consiste em uma conversa a dois, que pode fornecer dados primários: informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e trata da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia (MINAYO, 2014). A pesquisadora motivou os participantes a falarem sobre a temática pertinente à questão de pesquisa, realizando perguntas abertas individualmente. As entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas (MAY, 2004).

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas e transcritas, respeitando a grafia e a sintaxe utilizadas pelos participantes do estudo na apresentação das falas e codificadas como E1, E2, E3 e E4, para organização de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é entendida como um conjunto de técnicas de “análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitem as inferências de conhecimentos relativos à produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2016, p. 41).

A análise de conteúdo defendida por Bardin (2016) é estruturada em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Para a autora, a validade dos achados da pesquisa é resultante de uma coerência interna e sistemática entre essas fases, cujo rigor na organização da investigação inibe ambiguidades e se constitui como uma premissa fundante.

Na pré-análise, dá-se a organização que envolve a leitura “flutuante”, conforme Bardin (2016), ou seja, um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e dos objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. Há, também, o momento de sistematizar as ideias preliminares em quatro etapas, sendo estas: a leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores, as quais nos darão fim à preparação do material na totalidade (BARDIN, 2016).

A segunda fase corresponde à exploração do material. São escolhidas as unidades de codificação, adotando-se os seguintes procedimentos de codificação que compreende a escolha de unidades de registro – recorte; a seleção de regras de contagem – enumeração - e a escolha de categorias - classificação e agregação - rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns. Neste segmento, a definição das categorias é classificada, apontando os elementos constitutivos de uma analogia significativa na pesquisa, isto é, das categorias. Dessa forma, a análise categorial consiste no desmembramento e posterior agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto (BARDIN, 2016).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, da inferência e da interpretação. Esta etapa é destinada à busca de significação de mensagens através ou junto da mensagem primeira. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica. Esta fase é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (BARDIN, 2016, p. 41).

Os dados obtidos foram submetidos, neste texto, à luz da perspectiva da interseccionalidade ao considerar a combinação da sexualidade, raça/etnia, geração, classe ou orientação sexual, enfatizando a importância de todos eles para compreender as concepções dos jovens universitários. Esse não foi o eixo condutor da análise original da pesquisa, mas colaborou para essa discussão de sistematização dos dados obtidos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, com Certificados de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº. 67354722.00000.5540. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após terem sido informados sobre os benefícios e possíveis riscos da pesquisa.

Resultados e discussões

Os participantes da pesquisa foram em número de quatro estudantes universitários que se autodeclararam negros. Todos professam a fé católica, três são da graduação da área de saúde e um da área de humanas e estão na faixa etária de 20 a 23 anos. A análise do material das entrevistas possibilitou a elaboração de quatro categorias, sendo a categoria “Sexualidade para além do corpo”, a qual diz respeito às principais vivências do desejo e do corpo, a categoria “Sexualidade e religião”, a categoria “Prevenção de IST/HIV: informação e desinformação” e a categoria “Sexualidade, prevenção e recorte étnico racial”.

Sexualidade para além do corpo

A gênese da representação da sexualidade como práticas sexuais, revelada pelos participantes, constitui-se a principal questão a ser trabalhada quando discutimos conhecimento de sexualidade. Os dados discursivos denotam que o conhecimento dos universitários sobre sexualidade está pautado nas relações humanas, pois são dialógicas – os sujeitos vão se construindo, sempre sexuados, (re)construindo sua existência, em que a sociedade e a sexualidade aparecem como algo para além da genitália, aproximando-a de algo mais amplo como sendo qualquer forma de gratificação ou busca de prazer (QUINET, 1991), como denotado na fala do participante E4:

“Tipo assim, algo de ato, mas pra mim é muito mais de como é que você se encontra dentro disso, então, tipo do que que você gosta, eu acho que também, como é que você se sente bem com você mesmo... Então eu acho que perpassa por isso. Eu não penso muito no âmbito sexual da ação. Penso mais de como é que você se sente bem consigo mesmo, então parando para pensar, a sexualidade é. Tem a partir das pessoas que são heterossexuais, as pessoas que são assexuais, todas as maneiras” E4.

Na concepção da participante E4, a representação da sexualidade está relacionada ao aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas e subjetivas que envolvem, também, as questões emocionais. Claro que é inviável separar a emoção, a razão, a cognição e as questões sociais, o que torna a sexualidade um conceito abrangente, que diz respeito a várias manifestações e não somente ao sexo (MAIA, 2010). Como já apontava Freud (1996), no ser humano, a sexualidade não é regida pelo instinto, mas pelas pulsões, as quais tendem a objetos que nada têm a ver com uma finalidade reprodutiva. A ordem do sexual deve ser considerada para além da Biologia.

Os participantes E1 e E2 convergem com Freud, que destaca a sexualidade e expressa a necessidade sexual como “pulsão sexual” (FREUD, 1996; FREUD, 1980). Através da ciência, a química relatada pelo participante seria denominada “libido”. Ainda, o instinto sexual é a potência do ser humano que lhe permite sua reprodução e a sua sobrevivência.

“Então eu acho que a sexualidade está muito mais sobre a atração sexual ali. Sabe, uma ligação sexual, uma química sexual com uma pessoa independente do sexo”. E1.

“Sexualidade é um meio das pessoas se manterem felizes, na verdade, é um meio da pessoa ser feliz. Eu acredito que é uma coisa que tem que estar no nosso meio sim, tem que ser discutido, é algo que traz felicidade para a gente”. E3.

A sexualidade é uma parte intrínseca da experiência humana que vai muito além do corpo físico – envolve aspectos emocionais, psicológicos, sociais, étnicos e culturais (Pereira et al, 2025) que moldam como as pessoas se relacionam consigo mesmas e com as outras. Isso implica em ser uma base necessária para subsidiar a reflexão sobre a educação sexual entre os universitários, envolvendo a questão étnica racial.

Sexualidade e religião

A sexualidade aparece associada à religião. Os entrevistados situam uma relação de controle e de poder que passa pelo corpo, sistema nervoso e subjetividade. Para Carvalho e Oliveira (2017) as formas de controle têm como aparelho principal a igreja (religião) como formas de repressão da sexualidade, as quais funcionam como modos de interdição e silenciamento de práticas sexuais consideradas ilegítimas, o que é possível perceber na fala do participante E1, que diz sentir-se mal em falar de sexualidade em pleno século XXI:

“O que eu tive, eu aprendi na escola. Com certeza. Sim, eu sou católica também. Eu acho que envolve muita religião assim, o fato da gente... da gente se sentir mal em falar sobre sexualidade, sabe?” E1.

Foucault afirmava que nas sociedades ocidentais, durante séculos, ligou o sexo à busca da verdade, sobretudo a partir do cristianismo. O sexo, na sociedade cristã, tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso. Podia-se falar de sexualidade, mas somente para proibi-la (RIBEIRO, 1999). Outro participante (E2) destaca que as origens religiosas são muito influentes, cheias de um conjunto de padrões morais:

“Bom, eu diria que sim, eu sou católico e diria também que a religião tem um peso absurdamente enorme na sexualidade e na forma como você lida com ela, né! Ao longo da vida” E2.

Destaca a autora Guacira Lopes Louro:

“Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar a sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Ao acreditar que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber a sua dimensão social e política” (Louro, 2000, p. 79-80).

A vergonha e a culpa muitas vezes se materializam na forma de tabus, como é possível verificar na fala do participante E3:

“Eu acredito que por ter todo aquele dote religioso... que a gente deve trabalhar muito. Os pais não podem ensinar os filhos sobre isso. Há um tabu muito grande, pelo menos no meu crescimento foi assim. Sempre senti um tabu muito grande nesse quesito” E3.

Outro sentido de sexualidade que emergiu ao longo da entrevista foi o trazido por E1, E2 e E3, os quais relatam sobre a concepção preconceituosa da religião que pode desencadear preconceito e discriminação. A relação entre sexualidade, religião e poder fica ainda mais complexa quando se considera a necessidade urgente de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis que atingem a comunidade mais vulnerabilizada, que em sua maioria é a população parda e preta.

Ferreira (2015) afirma que a sexualidade é carregada de significados e representações, além de que vem sendo debatida por uma rede de discursos, inclusive na perspectiva religiosa, em que a todo momento são reproduzidas ideias normativas sobre a sexualidade, inclusive racistas, as quais se é sustentado como saudável e aceito a heteronormatividade, o sexo procriativo, sendo esse privado e monogâmico, e a todo momento desconfia-se de outras expressões sobre a sexualidade.

Prevenção de IST/HIV: informação e desinformação

Quanto à prevenção, o participante E1 relatou que as doenças antes eram um “bicho de sete cabeças”, mas que o conhecimento sobre a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV consiste no uso diário e contínuo do medicamento, considerando que o HIV é tratável e tem prevenção. Segundo as descrições deste participante, é necessário tornar a questão da sexualidade, incluindo a prevenção do IST/HIV, algo discutido e mais conversado, pois, ainda é presente o comportamento de risco. O participante E1 relata, ainda, que colegas transam menstruadas sem proteção do uso da camisinha, ou seja, reproduzem uma relação sexual desprotegida.

“IST/HIV como um bicho de 7 cabeças. Hoje em dia eu vejo assim: É algo grave? É algo grave. Mas é tratável, e dá para prevenir. Você não precisa necessariamente... por exemplo, PrEP que tem para tomar, que tem as unidades de saúde, elas conseguem dar para, por exemplo, esses grupos de risco, como profissionais de sexo com pessoas homossexuais... enfim, ele é preventivo, mas tem tanta coisa antes disso. Tem, por exemplo, uso de preservativo, tem um conhecimento sobre as doenças, tem o conhecimento sobre... por exemplo, um machucado... Eu tinha colegas que achavam que estava tudo bem fazer sexo menstruada, sem preservativo porque ela não iria engravidar. Aí eu virava para ela e falava: mas e as doenças e as infecções sexualmente transmissíveis?” E1.

Estudo de Trepka *et al* (2008) revela que a prevalência de comportamento de risco encontrado entre estudantes universitários foi de 14% e o não uso de preservativo na última relação foi de 52%. Dessunti e Reis (2012) reforçam a ideia de que ter informação é um fator necessário entre os universitários, porém não suficiente para modificar comportamentos, corroborando com o relato do entrevistado de que a prioridade do uso de preservativos é prevenir gravidez e não as ISTs.

Quando perguntados sobre o conhecimento acerca da prevenção de ISTs, outro entrevistado discorre acerca do conhecimento que possui sobre políticas públicas que facilitam o acesso à informação, principalmente em último caso, a exemplo da Profilaxia Pós-Exposição ao HIV (PEP), que consiste no uso de medicamento anti-HIV em caráter de urgência após uma situação de risco, mas que ainda é uma informação que não chega para todos, como relata E2:

“Vamos dizer, ocorreu comigo, de eu ter uma relação com uma pessoa, e acabou que tive o problema com a camisinha, que acabou estourando e eu fui no postinho e teve toda aquela questão da fazer os testes, tomar PEP e porque eu tinha essa informação, caso não tivesse, eu poderia estar em pânico e acabar, acarretando de eu me contaminar com alguma coisa por falta disso. Para mim foi uma coisa tranquila, porque eu sabia as políticas, eu sabia que não ia acontecer nada porque eu estava dentro do prazo e as políticas iam me proteger disso, mas sou uma pessoa negra em exceção” E2.

Nesse contexto, a PEP, conforme depoimento, apresenta-se como último recurso para evitar a infecção pelo HIV, após as demais medidas conhecidas terem falhado. Estudos de

Filgueiras e Maksud (2018) e Silva e Schwantes (2020) revelam que o desconhecimento da população sobre a possibilidade da estratégia ainda representa uma grande barreira ao acesso e à consecução dessa forma de profilaxia, oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Esse desconhecimento reverbera-se principalmente entre jovens negros.

O entrevistado E3 considera que o conhecimento sobre IST/HIV deve ser pautado por práticas sociais que considerem a reflexão sobre quais ações podem contribuir para a garantia da não discriminação aos gays, às lésbicas, aos bissexuais, aos transexuais, a não-binárias e aos pansexuais. Também foi lembrado pelos entrevistados que essa população enfrenta importante disparidades de saúde que incluem condições relevantes para entender a prevenção. Crenshaw (2002) afirma que a temática contribui significativamente quando o entendimento do fenômeno não pode se dar sem considerar questões como gênero, raça/etnia e classe social. Para Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade “trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”.

“Quando você faz parte da bolha LGBT, da bolha enorme, você já tem um problema, porque você é aquilo. Então é muito abstrato, mas você é como se você já não fosse alguém normal. E aí você sempre é associado, ainda aquela ideia, na minha visão, lá dos anos 80, de que pegou HIV, você já tem AIDS e acabou, morreu, acabou, a pessoa já era, e vai ficar caquético, aí vem aquelas imagens que fazem filme, mostrava cada, o Cazuzo todo magro, magro, magro, naquela situação horrível, então, ainda assim que é muito relacionado aquilo. Daquela imagem mais degradante da pessoa. Então eu acho que o fato de eu estar nessa bolha, foi o que talvez tenha me alertado mais, me levado a pensar mais nisso, porque acaba que deixa mais escancarado” E3.

Outra lacuna identificada foi que as políticas e as estratégias de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, essas que são prioridades, são dificultadas pelo preconceito, comprometendo o vínculo dessa população, impedindo a prevenção, a investigação, o tratamento, a vigilância e a notificação das ISTs e fazendo com que tal situação amplie a lacuna no controle das infecções nesta população. Para a entrevistada E4, as situações são situadas entre os heteronormativos e não na população LGBTQIAPN+:

“E aí assim, eu acho que quando o casal... quando eu estou numa relação, heteronormativa, sempre tem uma prevenção ali, né. Sempre tem que ter camisinha. Enfim, “whatever” mas com mulher, eu acho, com relação ao homossexual, né? É... eu acho que essa questão da prevenção, para lésbicas, né. É mais difícil assim, para mulher com mulher, né? A gente não vê tanta informação sobre isso” E4.

No depoimento acima, foi considerado que as estratégias de prevenção obrigam os sujeitos a terem como padrão de normalidade somente a heteronormatividade. Como afirmam Linhares e Pinho (2020), as orientações diferentes desse padrão impostos pela sociedade são sumariamente rechaçadas e, para legitimar essa desigualdade, problemas, desvios, patologias diversas de caráter essencialista são arrolados no intuito de manter a heterossexualidade. Isso retrata o preconceito, conhecido como homofobia/lesbofobia/transfobia, mostrando-nos que a sociedade (re)produz, mantém e pode contribuir para o preconceito.

Sexualidade, prevenção de IST/ HIV/AIDS e recorte étnico racial

As representações culturais da sexualidade e do corpo tendem a variar entre grupos étnicos e raciais, o que pode afetar as atitudes em relação ao sexo seguro e à prevenção de ISTs. E3, em sua opinião, apresenta dificuldades marcantes que segundo ele são *“as questões dos preconceitos que envolvem a etnia; os negros e as negras são os que sofrem mais, devido à desinformação e à vergonha de falar da temática”* (E3).

No que diz respeito às mulheres negras, essas relações são ainda mais complexas. Santos (2016) sinaliza que há o pensamento de que na escala hierárquica da sociedade é reservado a elas o espaço de menor poder, pois se somam à dinâmica já perversa das relações de gênero, além de outras formas de dominação e desigualdade sociais, advindas das relações étnico/raciais, e de uma situação socioeconômica vulnerável. Por fim, entende-se que os acolhimentos no geral não correspondem ao demandado por essa população, visto que, a exemplo, o estudo realizado por Riscado *et al.* (2010) aponta que mulheres quilombolas relataram serem vítimas de preconceito racial, sofrendo humilhação na rua, na escola, em festas e inclusive no atendimento em postos de saúde.

“Eu acho que a palavra é essa, tipo, acho que as pessoas negras... eu, né? Enquanto mulher negra, também posso afirmar que não tive muito acolhimento, tipo sei lá da minha família... se eu for falar sobre isso, há... sei lá, eu sempre passei por um momento... tipo assim, sempre achei essa temática muito vergonhosa, sabe?

Então é meio que para as pessoas brancas, é como se isso fosse uma coisa normal e que tem que ter um cuidado específico, mas para a gente não sabe? Eu acho que pode ser isso assim. Um recorte de raça, é primordial ainda, porque eu acho que isso pode ser uma questão que é... que não chega ainda, né?” E3.

Os dados discursivos denotam que para os universitários existe uma relação da prevenção associada à temática racial. As informações e o acolhimento por parte de profissionais e no cotidiano funcionam de forma diferente. Wood *et al.* (2022) afirmam que o preconceito racial pode afetar as práticas de rastreio, acolhimento e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, a exemplo da clamídia, o que vai de encontro à fala do entrevistado E2:

“E eu senti assim, que, a grosso modo, para o branco é mais fácil, lidar. Uma população bem mais preta, eu diria, e eu vejo que, as meninas, principalmente, pela carência, eu acho, teorizo, né... de mais informação e de acesso mesmo a esses cuidados e acabam engravidando muito cedo, numa gravidez não planejada e não desejada e que aquilo vai ter repercussões para ela, para o resto da vida, né? De conhecimento mesmo, de informação da população” E2.

Para Organização Pan-Americana da Saúde (2017) as desigualdades no acesso à educação sexual são um dos principais fatores que contribuem para disparidades de saúde sexual. Pessoas negras enfrentam barreiras no acesso às informações precisas sobre sexualidade, incluindo questões de ISTs e métodos de prevenção. Isso pode resultar em um conhecimento inadequado e na falta de habilidades para tomar decisões sobre a saúde sexual.

As disparidades no acesso aos serviços de saúde também desempenham um papel significativo nas diferenças na prevenção de ISTs. Pessoas negras podem enfrentar barreiras financeiras, geográficas e culturais que dificultam o acesso aos exames, ao aconselhamento e aos métodos de prevenção, como preservativos e terapias antirretrovirais.

Dentre as limitações do estudo, é importante mencionar que a pesquisa abrangeu um amplo escopo relacionado à produção do conhecimento na validação de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, sendo o conhecimento sobre sexualidade e ISTs apenas um deles, o que impossibilitou a exploração de diferentes tempos.

Considerações finais

As descobertas demonstram como a interseção de estruturas étnico raciais moldam o contexto dos conhecimentos sobre sexualidade, prevenção e IST entre jovens negros(as). Os resultados apontam um sentido compartilhado centrado em conceitos normativos baseados no papel social de população negra e na heteronormatividade e no controle dos corpos e da sexualidade. Sugerimos que os esforços de prevenção de IST/VIH abordem estes fatores de forma sistêmica, a fim de reduzir as disparidades raciais quanto ao conhecimento sobre sexualidade e prevenção de IST/HIV

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORGES, M. R.; SANTOS, Á. S.; DA SILVEIRA, R. E.; LIPPI, U. G. Sexual behaviour among initial academic students. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 7, n. 2, p. 2505-2515, 2015. DOI: 10.9789/2175-5361.2015.v7i2.2505-2515. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/3676>. Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. [cited 2020 Oct. 25] Disponível em: <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2022/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infecoes#:~:text=A%20publica%C3%A7%C3%A3o%20do%20Protocolo%20Cl%C3%ADnico%20e%20Diretrizes%20Terap%C3%AAuticas,evid%C3%AAncias%20cient%C3%ADficas%20e%20validado%20em%20discuss%C3%B5es%20com%20especialistas..> Acesso em: 15 de ago. 2023.

CARVALHO, G. P.; OLIVEIRA, A. S. Q. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. **Revista Dialectus**, [S.l.], ano 4, n. 11, p. 100-115, ago./dez. 2017. DOI: 10.30611/2017n11id31003. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/31003/71627>. Acesso em: 19 set. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 171-189, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/>. Acesso em: 20 set. 2023.

DE MELO, L. D.; SODRÉ, C. P.; SPINDOLA, T.; MARTINS, E. R. C.; ANDRÉ N. L. N. O.; MOTTA, C. V. V. Prevenção de infecções de transmissão sexual entre os jovens e importância da educação sanitária. **Enfermería Global**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 74-115. 2022. DOI: 10.6018/eglobal.481541. Disponível em: <https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v21n65/1695-6141-eg-21-65-74.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

DESSUNTI, E. M; REIS, A. O. A. Vulnerabilidade às DST/AIDS entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. **Cienc Cuid Saude**, [S.l.], v. 11 (Supl), p. 274-283, 2012. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v11i5.17738. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/17738/pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

FERREIRA, G. R. **Cursos de formação em educação sexual que empregam as tecnologias digitais**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, 2015. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/3680.pdf. Acesso em: 24 set. 2023.

FILGUEIRAS, S. L, MAKSUD, I. Da política à prática da profilaxia pós-exposição sexual ao HIV no SUS: sobre risco, comportamentos e vulnerabilidades. **Sex. Salud Soc**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 382-304, 2018. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2018.30.14.a Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/wr7r88qvqxkXBQsnrZMqtj/>. Acesso em: 25 set. 2023.

FONTE, V. R. F.; SPINDOLA, T.; FRANCISCO, M. T. R.; SODRÉ, C. P.; ANDRÉ, N. L. N. O.; PINHEIRO, C. D. P. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infectionsa. **Esc Anna Nery**, [S.l.], v. 22, n. 2, e201703182018, p. 1-7, 2018. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2017-0318. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/5HqmrYZPWj4yPFnPts9mSsH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

FREUD, S. Conferências introdutórias da psicanálise. Conferência xxi. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 13, p. 324-338.

FREUD, S. Um caso de histeria. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GOMES, R. R. F. M.; CECCATO, M. G. B; KERR, L. R. F. S.; GUIMARÃES, M. D. C. Fatores associados ao baixo conhecimento sobre HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.l.], v. 33, n. 10, e00125515, p. 1-15, 2017. DOI: 10.1590/0102-311X00125515. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/kh8sS5QRnhG8NDzdzHcXxc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

GRÄF, D. D., MESENBURG, M. A.; FASSA, A. G. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.], v. 54, n. 41, p. 1-13, 2020. DOI: 10.11606/s1518-8787.2020054001709. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/WkRVZRqRqy438XxmvTcrznx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

HARRÉ, R. **The singular self**: an introduction to the psychology of personhood. London: Sage, 1998.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LEDERER, A. M.; SHEENA, B. S. A content analysis of college students' gaps in knowledge about sexually transmitted infections. **Health Education Journal**, [S.l.], v. 80, n. 2, p. 238-250, 2021. DOI: 10.1177/0017896920959091. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0017896920959091>. Acesso em: 27 set. 2023.

LINHARES, T. P. S.; PINHO, M. J. S. Educar para sexualidade processo colaborativo crítico-reflexivo. In: SILVA, A. L. G.; SILVA, J. J. C.; AMAR, V. (Org). **Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social**. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 385-410.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Revista Psicopedagogia On Line**, São Paulo, v. 1, p. 1-10, 2010. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1303>. Acesso em: 19 set. 2023.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; PORTO, D. L.; SARDINHA, L. M. V.; FREITAS, P. C. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 147-56, 2011. DOI: 10.1590/S1415-790X2011000500015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/X7L34jV6zHFHvznpdMJ6wyt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo. Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Editora Vozes Limitadas, Petrópolis, 2025

MAY, T. Entrevistas: métodos e processo. In: MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 145-172.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e sexualidade de adolescentes. Construindo equidade no SUS**. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017.

PEREIRA, S. R. B.; NOGUEIRA, M. C. de O. C.; OSÓRIO, N. B. Explorando a diversidade da sexualidade na maturidade: um olhar multifacetado. **RIAGE - Revista Ibero-Americana de Gerontologia**, [S. l.], v. 6, p. 1-13, 2025. DOI: 10.61415/riage.269. Disponível em: <https://www.riagejournal.com/index.php/riage/article/view/269>.

QUINET, A. O ato psicanalítico e o fim de análise. In: QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1991, p. 95-110.

RIBEIRO, M. O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, [S.l.], v. 33, n. 4, p. 358-363, dez. 1999. DOI: 10.1590/S0080-62341999000400006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/6FDcP4ccQcRbypHYqYNL4dr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2023.

RISCADO, J. L. S.; OLIVEIRA, M. A. B.; BRITO, A. M. B. Vivenciando o racismo e a violência: um estudo sobre as vulnerabilidades da mulher negra e a busca de prevenção do HIV/AIDS em comunidades remanescentes de quilombos, em Alagoas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 1999, supl. 2, p. 96-108, 2010. DOI: 10.1590/S0080-62341999000400006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nQ8BbWW8qGLZCSr5hPB34YQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2023.

SANTOS, N. J. S. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. **Saude Soc**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 602-618, 2016. DOI: 10.1590/S0104-129020162627. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/B8LmxH9RGg3mbSm34SGSBDD/>. Acesso em: 8 out. 2023.

SCULL, T.M. ; KUPERSMIDT J. B.; MALIK, C. V.; KEEFE, E. M. Examinando a eficácia de uma mídia mHealth programa de alfabetização para promoção da saúde sexual em adolescentes mais velhos que frequentam faculdades comunitárias. **Jornal de Psicologia Comunitária**, [S.l.], v. 66, n. 3, p. 165-177, 2018. DOI: 10.1080/07448481.2017.1393822. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Examining-the-efficacy-of-an-mHealth-media-literacy-Scull-Kupersmidt/7f9a9a96073441bcb12206d4040f455c68250063>. Acesso em: 17 out. 2023.

SHOKOOHI, M.; KARAMOUZIAN, M.; MIRZAZADEH, A.; HAGHDOOST, A.; RAFIERAD, A. A.; SEDAGHAT, A.; SHARIFI, H. HIV Knowledge, attitudes, and practices of young people in Iran: findings of a national population-based survey in 2013. **PLoS One**, [S.l.], v. 11, n. 9, e0161849, Sep 2014. DOI: 10.1371/journal.pone.0161849. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5023173/>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, P. F. K.; SCHWANTES, L. HIV/AIDS em tempos de retrocesso: possibilidades de atuação na educação básica. **RELACult**, [S.l.], v. 6, ed. espec., p. 1-12, 2020. DOI: 10.23899/relacult.v6i4.1746. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346402946_HIVAIDS_em_Tempos_de_Retrocesso_Possibilidades_de_Atuacao_na_Educacao_Basica. Acesso em: 18 out. 2023.

SOBZE, M. S.; TIOTSIA, A. T.; DONGHO, G. B. D.; TANKUI, G. A. F.; FOKAM, J.; KIEN-ATSU, T.; FOTSO, J. R.; AZEUFACK, Y. N.; NKAMEDJIE, P. P.; SALI, A. B. B.; MABVOUNA, R. B.; ERCOLI, L.; COLIZZI, V.; RUSSO, G. Youth awareness on sexually transmitted infections, HIV and AIDS in Secondary Schools in the Dschang Municipality (Cameroon): The Mobile Caravan Project. **J Public Health Afr**, [S.l.], v. 7, n. 2, 2017. DOI: 10.4081/jphia.2016.614. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28299163/>. Acesso em: 12 out. 2023.

TREPKA, Mary Jo et al. High-risk sexual behavior among students of a minority-serving university in a community with a high HIV/AIDS prevalence. **Journal of American College Health**, v. 57, n. 1, p. 77, 2008.d

WOOD, S.; MIN, J.; TAM, V.; PICKEL, J.; PETSIS, D.; CAMPBELL, K. Inequities in Chlamydia trachomatis Screening Between Black and White Adolescents in a Large Pediatric Primary Care Network, 2015-2019. **Am J Public Health**, [S.l.], v. 112, n. 1, p. 135-143, jan. 2022. DOI: 10.2105/AJPH.2021.306498. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8713640/>. Acesso em: 21 out. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Communities at the centers**. Global Aids Update, 2019. Available from: https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/2019-global-AIDS-update_en.pdf. Access at: 21 out. 2023.

ZHANG, L.; YU, H.; LUO, H.; RONG, W.; MENG, X.; DU, X.; TAN, X. HIV/AIDS-related knowledge and attitudes among Chinese college students and associated factors: a cross-sectional study. **Front Public Health**, v. 9, 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2021.804626. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35096751/>. Acesso em: 20 out. 2023.